

## Graus de fixação e idiomaticidade nos usos da unidade fraseológica “ir de base” no português brasileiro

### Degrees of fixation and idiomacity in uses of the phraseological unit “ir de base” in Brazilian Portuguese

Marcelo Eduardo Rodrigues Okazaki <sup>\*</sup>

Odair Luiz Nadin <sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** As transformações nas relações e hábitos sociais provocadas pelo desenvolvimento tecnológico estão diretamente relacionadas à evolução dos meios de comunicação e de entretenimento. A internet, em particular, trouxe uma mudança complexa, intensificando o surgimento de novas unidades lexicais e a atribuição de novos significados a unidades existentes. Os jogos online, como *League of Legends*, desempenharam um papel crucial nesse fenômeno linguístico, como é o caso de *ir de base*, oriunda do contexto dos jogos. Pensando nisso, propomos: (i) tecer discussões teóricas acerca de como as unidades fraseológicas se apresentam na língua, no contexto de Neologia; (ii) descrever os usos da unidade fraseológica *ir de base* e suas variantes em uma perspectiva sincrônica; e (iii) propor um verbete com suas acepções e possíveis variantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fraseologia. Unidade fraseológica. Neologia. Neologismo. Ir de base.

**ABSTRACT:** The transformations in social relations and habits brought by technological development are directly related to the evolution of communication and entertainment media. The internet, in particular, has brought a complex shift, intensifying the emergence of new lexical units and new meanings to existing ones. Online games, such as *League of Legends*, have played a crucial role in this linguistic phenomenon, as exemplified by *ir de base*, a phraseological unit originating from the gaming context. With this in mind, we propose to: (i) to weave theoretical discussions

---

\* Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr) - Campus da Unesp. Bolsista FAPESP. [marcelo.okazaki@unesp.br](mailto:marcelo.okazaki@unesp.br)

\*\* Livre-Docente em Estudos do Léxico (Unesp/2018) e professor associado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr) - Campus da Unesp. [odair.nadin@unesp.br](mailto:odair.nadin@unesp.br)

about how phraseological units manifest in the language within the context of Neology.; **(ii)** describe the uses of the phraseological unit “ir de base” and its variants from a synchronic perspective; and **(iii)** propose a dictionary entry with its meanings and possible variants.

**KEYWORDS:** Phraseology. Phraseological unit. Neology. Neologism. Ir de base.

## 1 Introdução

Antes do conhecimento de artifícios como a energia elétrica, a humanidade já convivia com tecnologias outras, como livros, enciclopédias e dicionários impressos. Com o surgimento do rádio e da televisão, por exemplo, as relações e os hábitos sociais foram se transformando à medida que estas tecnologias se popularizavam e se tornavam acessíveis a pessoas de diferentes classes sociais.

Dentre essas novas formas de relações e novos hábitos que foram se transformando e se consolidando ao longo do tempo, o lazer também passou por mudanças significativas, assim como as diferentes formas de se manter informado. Antes, para nos informar contávamos com livros, com o rádio e os jornais impressos, e, mais à frente, com a televisão. Quantos de nós ainda abrimos as volumosas enciclopédias ou dicionários impressos para sanar uma dúvida pontual ou nos aprofundar em determinado tema?

É evidente que nossos hábitos e comportamentos humanos são alterados e moldados por diferentes fatores entre os quais tem se destacado nas últimas décadas o desenvolvimento tecnológico – em quaisquer âmbitos sociais, como saúde, arte, lazer, trabalho etc. É uma tarefa quase impossível entender a profundidade dessas transformações que a tecnologia provoca no nosso modo de agir, de pensar e de organizar o exterior e o interior de nós mesmos. A realidade *online*, que não tem nem meio século de vida, é uma dessas tecnologias que mudaram de maneira complexa os mais diferentes aspectos da existência humana.

Com essa importante mudança social provocada pela internet, o surgimento de unidades léxicas se intensificou, bem como de novos significados para unidades já

existentes. Essa eclosão linguística no nível léxico se deu por vários meios via internet, inclusive no contexto dos jogos *online*. Esses jogos contribuíram de maneira importante para a mudança no modo como nos comunicamos atualmente. A partir deles, muitas unidades léxicas foram importadas de outras línguas – massivamente do inglês – e foram incorporadas ao léxico do português brasileiro (PB). Alguns desses neologismos foram compostos de uma importação lexical<sup>1</sup> combinada a outras unidades léxicas vernáculas, formando uma lexia complexa; é o caso da locução verbal *ir de base*, unidade oriunda do jogo *League of Legends* (Okazaki, 2023).

A partir destas considerações, temos como objetivos neste artigo: **(i)** tecer discussões teóricas acerca de como as unidades fraseológicas se apresentam na língua, no contexto de Neologia; **(ii)** descrever os usos da unidade fraseológica *ir de base* e suas variantes em uma perspectiva sincrônica; e **(iii)** propor um verbete com suas acepções e possíveis variantes.

## 2 As unidades fraseológicas e suas especificidades distintivas

Para podermos discutir lexias complexas, é importante, antes, definirmos o conceito de “estrutura lexicalizada”. A “lexicalização” por si só já é um termo polissêmico na Linguística. Para Correia e Almeida (2012, p. 59), este termo pode ser compreendido como “o processo pelo qual determinadas unidades construídas em outros componentes da gramática (sintático, morfológico, discursivo) se transformam em unidades léxicas”. Ou seja, a unidade léxica ou terminológica se repete nas mesmas formas com os mesmos significados em ocorrências suficientes para se tornarem uma unidade mais ou menos fixa.

Estudar e aprender expressões típicas de um idioma contribui para que um falante de uma língua, como materna ou não-materna, aperfeiçoe sua competência

---

<sup>1</sup> Correia e Almeida (2012) propõem o conceito de *importação lexical* como um termo guarda-chuva para contemplar as unidades léxicas que têm origem em outras línguas, os estrangeirismos e os empréstimos.

comunicativa. As expressões, enquanto unidades do nível lexical, são cheias de aspectos culturais de uma comunidade de fala e é de grande interesse da Fraseologia. Os estudos em Fraseologia, segundo Mattos (2003), buscam compreender o que é denominado “unidade fraseológica”<sup>2</sup> (UF). Embora existam certas divergências entre estudiosos em Fraseologia (Zuluaga, 1975; Corpas Pastor, 1996; Tagnin, 2005, entre outros), há uma interseção entre a maioria das definições do que seria a UF: entendemos aqui a unidade fraseológica como uma combinação de dimensão maior que a palavra gráfica, isto é, o encadeamento de unidades léxicas<sup>3</sup> numa organização sintática que compõem um segmento essencialmente estável – em aspectos semânticos e/ou de repetição das mesmas formas – e típico de uma língua ou área especializada (no caso de terminologias).

Vários autores tratam as unidades fraseológicas de perspectivas diferentes (Saussure, [1916] 2006; Bally, 1951; Zuluaga, 1975; Corpas Pastor, 1996; Mattos, 2003; Tagnin, 2005). A partir dos pensamentos de cada autor, tentamos entender quais as nuances que definem o que é e o que não é uma unidade fraseológica.

Ao discutir a combinatória de unidades léxicas, Saussure ([1916] 2006) pensa o sintagma como uma composição encadeada de duas ou mais unidades léxicas, como, por exemplo, “a vida humana” e “se fizer bom tempo, sairemos” (p. 142). Considerando que cada uma dessas combinatórias é uma sequência de signos com significados autônomos, o autor aponta que a combinação destas unidades colabora para a construção do sentido do todo, o sintagma.

---

<sup>2</sup> Optamos por utilizar a denominação que Corpas Pastor (1996, p. 18-19) propõe em seus textos. A autora entende a unidade fraseológica (UF) como um termo amplo que é bem aceito nos estudos em fraseologia das línguas realizados na Europa continental, na antiga URSS e outros países do Leste Europeu.

<sup>3</sup> Entendemos como “unidade léxica” uma unidade que, ao ser utilizada em uma organização sintática ou um texto, o faz de maneira autônoma, isto é, a unidade léxica é um componente frasal que possui significado próprio e não necessita de outros componentes léxicos ou infraléxicos para estabelecer relação com as outras unidades léxicas da oração para exprimir sentido.

Em suma, apesar de Saussure não ter tratado da Fraseologia propriamente dita, em seus estudos havia a ideia de combinações de unidades léxicas de sentido próprio, que compunham uma unidade maior. Isto é, não a ideia da soma de cada significado de cada unidade, mas um sentido global, um todo, pensando as unidades léxicas não de forma isolada, mas sim a partir de uma rede de relações entre essas unidades.

Nesse sentido, o autor afirma:

(...) não falamos por signos isolados, mas por grupos de signos, por massas organizadas, que são elas próprias signos. Na língua, tudo se reduz a agrupamentos. Esse mecanismo que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca, se bem que estejam dispostas numa só dimensão (Saussure, [1916] 2006, p. 149).

Ainda que não haja nenhuma menção aos termos “Fraseologia”, “unidade fraseológica” e outros que se relacionam com os estudos destes, Saussure já evidenciava características que seriam, mais tarde, entendidas como pertencentes à Fraseologia.

Adepto das proposições de Saussure, Bally (1951) ratifica as ideias sobre a não existência de unidades léxicas como entidades independentes no imaginário coletivo de uma comunidade linguística. O autor afirma, ainda, que não seria possível aprender separadamente as palavras de uma dada língua, visto que este aprendizado está relacionado intrinsecamente com o processo de assimilação da linguagem humana, a partir de associação.

Esses agrupamentos de unidades, segundo Bally (1951), podem ser efêmeros ou não numa língua; eles podem se desfazer logo após a formação do enunciado, ou então, a partir da repetição dos mesmos elementos, na mesma ordem, com o mesmo sentido, podem acabar se fixando no imaginário daqueles falantes. Com isso, esses agrupamentos se tornam usuais e adquirem um status de único e indissolúvel.

Pensando nessas duas possibilidades de ocorrência dos fenômenos fraseológicos – de um lado, os segmentos da organização sintática se desfazem após a

enunciação, e, de outro, os agrupamentos sintáticos se fixam como unidades indissolúveis –, o autor (1951) afirma que há uma gradação entre ambos. Ele denomina esta gradação “grau de coesão” e afirma que este pode ser relativo, dependendo do quão usual se torna aquele agrupamento a partir da repetição, bem como a necessidade de fixação enquanto unidade fraseológica. Isto é, quando um agrupamento tem um maior grau de fixação, passa a funcionar nas organizações sintáticas como unidades indissolúveis na construção de significado de um discurso. Isso acontece quando os falantes perdem a sensação de que, separadamente, os elementos constituintes significam algo ou que a soma dos significados individuais resulta no sentido final. Em outras palavras, o falante não vai pensar nos elementos componentes da UF como individuais, mas sim entenderá esta como uma unidade de significação indecomponível. Mattos (2003, p. 278) exemplifica com as locuções verbal e adverbial *sem cessar e mais ou menos*.

Acerca da fixação das unidades fraseológicas, Zuluaga (1975) as considera arbitrárias, uma vez que não necessariamente há justificativas sintáticas ou semânticas para estas. Corpas Pastor (1996) afirma que as locuções são razoavelmente similares às formas livres de uma língua e outras lexicais complexas, diferenciando-se apenas destas pelo seu status de “estabilidade sintático-semântica”.

Para Zuluaga (1975), é importante identificar os níveis e os tipos de grau de fixação das unidades fraseológicas. Ao pensar as características pertinentes das unidades fraseológicas, o autor destaca três: **(i)** intercalação, **(ii)** alteração da ordem dos elementos e **(iii)** transformação total da expressão fraseológica. Em **(i)**, há uma intercalação de elementos não pertencentes à unidade fraseológica: *chutou o pau da barraca > chutou, como sempre, o pau da barraca*. O autor (1975) afirma que a intercalação dá uma noção sobre o grau de coesão entre os elementos componentes; se uma unidade fraseológica permite uma intercalação, o seu grau de coesão pode não ser tão alto, ainda que esta unidade seja fixada de outra forma, como impossibilidade de substituição dos componentes ou alteração da ordem dos elementos, por exemplo. Já

em (ii), a ordem dos elementos pode ou não permitir alteração, como em: *cair a ficha* > *a ficha caiu*, que permite reordenação dos elementos, e *cara de pau*, que não permite. Por último, em (iii), o autor (1975, p. 236) afirma que os elementos podem se diluir no meio de outras organizações sintáticas, como em *informação falsa* > *a falsidade da informação*.

Nesse sentido, Zuluaga (1975) ressalta que os graus de fixação permitem que existam casos de *variantes* de uma UF, isto é, quando há a possibilidade de substituir um dos elementos da unidade fraseológica por outro. Na possibilidade desse fenômeno há duas categorias essenciais: (i) a *variante*, na qual um elemento da UF pode ser substituído por outro sem alteração do significado desta; e (ii) a *pseudovariante*, na qual pode haver mudança de significado ou uma alteração de classificação gramatical, como é o caso de *trocar as bolas* LOC. VERBAL > *trocada de bolas* LOC. NOMINAL. Para classificarmos duas expressões como variantes entre si, o autor (1975) afirma que é necessário que ambas se apresentem dentro do mesmo registro linguístico, isto é, pertençam à mesma língua.

Corpas Pastor (1996), por sua vez, apresenta contribuições bastante relevantes aos estudos em Fraseologia. A autora busca, entre outros aspectos, diminuir a imprecisão dos termos utilizados para definir as combinações de unidades léxicas em sintagmas maiores. Segundo ela, as UF “são unidades léxicas formadas por mais de duas **palavras gráficas**<sup>4</sup> em seu limite inferior, cujo limite superior está no nível da oração composta”<sup>5</sup> (p. 20, tradução<sup>6</sup> e grifo nosso).

Ao definir as unidades fraseológicas, a autora (1996) delimita um intervalo de quantidade de componentes de uma UF e aponta as principais características possíveis para a identificação desta:

---

<sup>4</sup> A palavra gráfica “é aquela que, no discurso escrito, corresponde a uma sucessão de caracteres delimitados por espaços em branco” (Correia; Almeida, 2012, p. 12).

<sup>5</sup> Original: *son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta* (Corpas Pastor, 1996, p. 20).

<sup>6</sup> Todas as traduções neste trabalho foram feitas pelos autores.

(i) frequência: este aspecto das UF é um dos mais relevantes para a autora, pois quanto mais é utilizada uma combinatória léxica, maiores as chances de esta se consolidar como uma unidade fraseológica fixa;

(ii) institucionalização: a partir da frequência de uso, há a possibilidade de institucionalização de uma unidade fraseológica, caracterizada pelo uso dos falantes da língua, pois este normalmente é baseado em combinações pré-estipuladas pelo coletivo, uma vez que “as combinações repetidas funcionam como unidades do léxico mental, ou seja, são armazenadas e utilizadas como entidades completas em maior ou menor grau”<sup>7</sup> (Corpas Pastor, 1996, p. 22);

(iii) estabilidade: este aspecto das UF abarca duas características essenciais: (a) fixação/estabilidade formal; e (b) fundação semântica/lexicalização:

(a) a estabilidade formal refere-se ao uso arbitrário dessas unidades, isto é, à possibilidade de reordenação, supressão, inserção etc. dos componentes da UF, além de, também, ao conteúdo exprimido pela unidade, o que interfere em aspectos como contexto de utilização (sociais, por exemplo, como *prazer em te conhecer*) e em posições de produção textual (como despedida de uma carta, por exemplo);

(b) a fundação semântica (ou lexicalização) é o fenômeno em que uma combinatória léxica passa pelo processo de associação entre a forma e os possíveis significados do todo. É nesse momento em que é estabelecido o entendimento coletivo de unicidade da UF. Esse processo se dá a partir de dois caminhos: o primeiro é a adição do significado à UF. Mattos (2003, p. 284) exemplifica esse caminho com a expressão *pôr o dedo na ferida*. O segundo caminho é a supressão de significado em relação à UF que, para a

---

<sup>7</sup> Original: *Las combinaciones repetidas funcionan como unidades del lexicón mental, es decir, se almacenan y se usan como entidades completas en mayor o menor grado* (Corpas Pastor, 1996, p. 22).

autora (2003, p. 284), pode ser exemplificado por: *levar em consideração* = “considerar”;

(iv) idiomaticidade: segundo a autora (1996, p. 26, grifo nosso), “o termo *idiomático* tem sido usado em duas acepções: (a) no sentido etimológico de algo próprio e peculiar a uma língua específica e (b) no sentido de característica semântica de certas combinações fixas de palavras (opacidade semântica)”<sup>8</sup>. A UF pode apresentar significado denotativo de duas formas: literal e figurativa. Podemos afirmar, portanto, que as UF podem ser resultantes de processos cognitivos no nível discursivo, como metáforas ou metonímias, por exemplo;

(v) variação: este aspecto denota a ideia de que a unidade fraseológica tem uma fixação relativa em maior ou menor grau. Mattos (2001, p. 285) cita como exemplo do português brasileiro as possibilidades: *colocar lenha na fogueira; por lenha na fogueira*. Acrescentamos, também, o *botar lenha na fogueira*;

(vi) variantes: para que duas (ou mais) UF possam ser variantes, precisam ocorrer num mesmo registro linguístico, isto é, na mesma língua (Corpas Pastor, 1996), além de, também, “possuírem o mesmo significado, [...] ser parcialmente idênticas em estrutura e em seus componentes, e serem fixas (estáveis)”<sup>9</sup> (Corpas Pastor, 1996, p. 28). Mattos (2003, p. 286) utiliza o exemplo de variantes: *soltar o verbo* e *soltar os cachorros*, e destaca a impossibilidade de variantes: *soltar o substantivo* e *soltar os gatos*, uma vez que há perdas semânticas nessas possibilidades;

(vii) modificações: de acordo com Corpas Pastor (1996), se uma unidade fraseológica tem um alto grau de fixação, há uma alta chance de que os componentes da UF funcionem como “palavras potenciais” (p. 29) que recebem

---

<sup>8</sup> Original: El término idiomático se ha empleado en dos acepciones: (a) en el sentido etimológico de propio y peculiar a una lengua determinada y (b) en el sentido de característica semántica de ciertas combinaciones fijas de palabras (Corpas Pastor, 1996, p. 26).

<sup>9</sup> Original: no presentar diferencias de significado, [...] ser parcialmente idênticas en su estructura y en sus componentes, y ser fijas (Pastor, 1996, p. 28)

um novo significado por conta da unicidade de sentido da UF. O exemplo de Corpas Pastor (1996, p. 30) é de Alexandrova e Ter-Minasova (1987, p. 31): *She said not to look at her when she comes in. She just arose from the sack*, em que: *sack*, que literalmente significa “saco”, mas passa a significar “cama” nesta frase, uma vez que a expressão *to hit the sack* significa “to go to bed” (“ir para a cama”);

(viii) gradação: este aspecto retoma todos os sete anteriores ao referir-se ao fato de que as UF têm diferentes graus dentro das características.

Corpas Pastor (1996), a partir dos autores anteriores, consegue descrever de maneira importante as principais características presentes nas unidades fraseológicas, contribuindo, assim, para o avanço nos estudos em Fraseologia.

Mais recentemente, Tagnin (2005) retoma as definições anteriores para as UF e faz relação entre as unidades fraseológicas e as convenções aceitas por todas as pessoas falantes de uma mesma língua:

As convenções linguísticas são os “jeitos” aceitos pela comunidade que fala determinada língua. Assim, podemos chamar de convencionalidade o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística (Tagnin, 2005, p. 14).

Tagnin (2005, p. 15) utiliza convencionalidade para explicar as unidades fraseológicas: tudo na língua que é consolidado pelo uso recorrente e pela prática pode ser chamado de convenção. A convencionalidade dá ao falante a possibilidade de noção de uso social e linguístico, isto é, “a mesma noção de convenção pode se aplicar à língua, tanto no nível social, isto é, deve-se saber quando dizer algo, quanto no nível linguístico, ou seja, saber como dizê-lo”.

Para a autora (2005), a convencionalidade pode gerar unidades fraseológicas a partir de dois fatores: (i) um fato social e (ii) a forma da unidade fraseológica. No caso de (i), a autora cita a UF *Feliz Natal*, uma vez que esta unidade é decorrente de um fato extralinguístico, o Natal. Por sua vez, em (ii), Tagnin exemplifica o caso com a expressão *mundos e fundos*, que se consolidou a partir do uso frequente dessas unidades

léxicas nesta mesma ordem e com o mesmo significado, e não outras possibilidades com sentidos parecidos (por exemplo, *galáxias e profundezas*) ou em organizações diferentes (por exemplo, *fundos e mundos*).

Retomando a reflexão de Corpas Pastor (1996) sobre idiomaticidade, Castillo Carballo (2019) ratifica as duas acepções da primeira autora: a idiomaticidade refere-se ao que é individual e identitário de uma língua. Em contrapartida, o segundo significado é entendido “como a característica semântica específica de certas construções fixas, nas quais seu significado não pode ser deduzido a partir dos elementos que a compõem”<sup>10</sup> (p.72). Esta última é a acepção utilizada nos estudos em Fraseologia.

Assim como a fixação, a idiomaticidade também é entendida como um aspecto sintático. Basicamente, significados relacionados à idiomaticidade de uma unidade fraseológica é o resultado de um processo de afastamento paulatino e gradual entre os significados literal e figurado desta unidade. Para Ruiz Gurillo (1997), esse afastamento dos significados dá origem às expressões idiomáticas não motivadas. A motivação e a idiomaticidade estão classificadas em graus de intensidade de cada uma, uma vez que uma UF pode ser mais ou menos idiomática, e, portanto, mais ou menos motivada. Assim, “certos fraseologismos evocam claramente seu significado literal, outros o insinuem e alguns apenas mantêm uma mínima relação com seu sentido original”<sup>11</sup> (Ruiz Gurillo, 1997, p. 99).

A autora (1997) afirma que metáfora, hipérbole e outros recursos contribuem para que uma UF seja idiomática, uma vez que “a idiomaticidade se baseia na possibilidade de tirar proveito das facetas associativas de nosso conhecimento de mundo com o intuito de projetar a situação que estas apresentam sobre outra de índole

---

<sup>10</sup> Original: como el rasgo semántico característico de ciertas construcciones fijas, en las que su significado no puede ser deducido a partir de los elementos que la forman (Castillo Carballo, 2019, p. 72).

<sup>11</sup> Original: ciertos fraseologismos evocan claramente su significado literal, otros lo insinúan y algunos sólo guardan una mínima relación con su sentido originario (Ruiz Gurillo, 1997, p. 99).

análoga”<sup>12</sup> (Cuenca; Hilferty, 1999, p. 119). Desse modo, os falantes podem associar às UF as próprias experiências de vida, incluindo suas vivências concretas, percepções dessas vivências, posicionamento político e ideológico, dentre outros.

Como discutimos anteriormente, a sociedade e os acontecimentos que nela ocorrem influenciam a língua de maneira inerente nos seus níveis mais profundos. Esse fato fica evidente quando pensamos na língua como interação social, e não só como uma mera intencionalidade de transmitir uma mensagem. Para Oliveira (2016, p. 71), a interação social é permeada por situações e relações de poder, que “dependem das posições discursivas, sociais e institucionais ocupadas por esses indivíduos”. Para o autor, essas relações de poder ficam evidentes no uso da língua nos níveis sintático e lexical:

A língua pode ser frequentemente usada para expressar os valores ideológicos de quem a utiliza. Afinal, a linguagem é constitutiva, no sentido de ser essencial para a construção de realidades. E a parte da língua portuguesa que é mais suscetível a ser usada como veículo de construções identitárias e de valores ideológicos é o vocabulário (Oliveira, 2016, p. 72)

Sendo assim, no nível do discurso, as escolhas lexicais são guiadas pelas experiências e práticas sociais dos falantes, o que atribui ao léxico um papel de evidenciar as visões de mundo, as ideologias e os recortes culturais de um indivíduo ou grupo social.

Considerando os conceitos anteriormente discutidos, fazemos a seguir uma breve apresentação do *corpus*, seguida da apresentação dos exemplos de uso da UF *ir de base*.

---

<sup>12</sup> Original: la idiomaticidad se basa en la posibilidad sacar provecho de facetas asociativas de nuestro conocimiento del mundo con el fin de proyectar la situación que éstas representan sobre otra de índole análoga (Cuenta; Hilferty, 1990, p. 119).

### 3 Contextualização do *corpus*

Para a organização do *corpus*, selecionamos contextos reais de uso das possíveis variantes da unidade fraseológica *ir de base* coletadas na rede social X (antigo Twitter), entre 2020 e 2024, visto que foi nela (e neste período) que a UF passou a ser utilizada fora do contexto do jogo online *League of Legends*, ambiente no qual a unidade se originou (Okazaki, 2023). Esse processo de seleção foi realizado a partir da leitura de *posts* na rede social em questão.

A partir da referida coleta, foram realizadas a descrição e a análise, bem como as relações com os eventos extralinguísticos aos quais a unidade fraseológica passou a se referir. Com base nisso, propomos um modelo de verbete contemplando os significados observados no *corpus*.

Tendo um olhar interdisciplinar acerca da Fraseologia, com diálogo estabelecido com a Lexicologia, entendemos a unidade *ir de base* como fraseológica a partir dos aspectos discutidos, como fixação, idiomaticidade e ideologia.

### 4 *Ir de [x = substantivo]: descrição dos contextos*

A unidade fraseológica *ir de base* já foi estudada a partir de algumas perspectivas: da Lexicologia e da Terminologia (Okazaki, 2023) e da Semântica Cognitiva atrelada à Gramática de Construções (Simões Neto; Souza, 2023). À luz do que já foi explorado, utilizamos a Fraseologia para entender questões que são apresentadas por meio de contextos de uso desta UF.

Segundo Okazaki (2023), *ir de base* refere-se à ideia de quando, numa partida de *League of Legends*, alguém morre, renasce na base e precisa percorrer todo o caminho novamente para chegar no ponto em que estava antes de ser abatido. A partir deste fato no mundo dos games, a referida estrutura passou a significar “morrer” (Figuras 1 e 2), e, por extensão semântica, tornou-se mais polissêmica.

Figura 1. Exemplo de *ir de base* 1.

Se esse homem fizer uma propaganda assim, metade do fandom vai de base  
(Quero ir de base por esse motivo)

Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Figura 2. Exemplo de *ir de base* 2.

Falei tanto q tava perto de ir de base, q virou real mesmo 🤔

Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Com a frequente utilização de *ir de base*, sendo *base* um componente da unidade fraseológica que é associado a um local dentro de um mapa virtual de jogo, o uso se expandiu para realidades extralinguísticas que estavam mais próximas às suas próprias vivências, em especial com relação à realidade de internautas que não necessariamente são ligados ao contexto dos jogos *online*.

O ato de “arrastar para cima” consistia em uma função dos *stories* da rede social Instagram, que servia para acessar algum *link* (endereço eletrônico) fazendo o movimento de deslizar o dedo na tela do celular de baixo para cima. Ao convidar os seguidores para acessar algum *link*, os influenciadores digitais (também conhecidos como *influencers*) diziam “arrasta pra cima”. Até então, apenas os usuários do Instagram com mais de dez mil seguidores tinham acesso à ferramenta de alocar um *link* a um *story*. Em 2021, porém, esta ferramenta foi substituída por uma figurinha, e o ato de arrastar para cima para acessar um *link* foi descontinuado (Pereira, 2023). Sendo assim, *ir de arrasta pra cima* pode ser um eufemismo para uma vida que não existe mais, como a própria ferramenta (Figura 3).

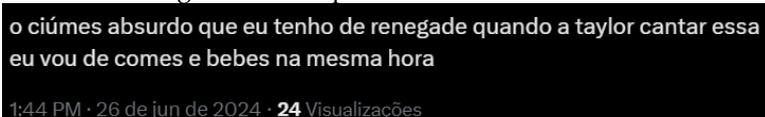
Figura 3. Exemplo de ir de arrasta pra cima.

e o Joe foi de arrasta pra cima na vida da Taylor Swift  
5:32 PM · 24 de set de 2023 · 20,3 mil Visualizações

Fonte: X (coleta: julho de 2024).

As alterações na unidade *ir de base* continuaram se acelerando à medida que se popularizou. A unidade *ir de comes e bebes*, apesar de ter os mesmos significados das variações anteriores: eufemismo para apontar o fim de algo ou alguém. Segundo Franco (2023), *ir de comes e bebes* refere-se a uma situação em que alguém levou uma “comida” (sinônimo de bronca) e a unidade fraseológica é completada por “e bebes”, como uma espécie de trocadilho.

Figura 4. Exemplo de *ir de comes e bebes*.



o ciúmes absurdo que eu tenho de renegade quando a taylor cantar essa eu vou de comes e bebes na mesma hora

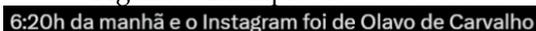
1:44 PM · 26 de jun de 2024 · 24 Visualizações

Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Influenciado por possibilidades de referenciar situações de interrupções, a UF se adaptou aos mais diversos assuntos que passavam a ser populares nos *Trending Topics*<sup>13</sup> do então X/Twitter. Foi assim que se originou a unidade *ir de olavo de carvalho*.

Logo no início do ano de 2022, com a pandemia de Covid-19 passando a dar indícios de que estávamos nos encaminhando para o controle do Coronavírus e da doença na sua forma grave, tornou-se assunto em vários espaços da internet: Olavo de Carvalho, mentor bolsonarista, faleceu de Covid-19 após debochar da doença diversas vezes (BBC News, 2022). O posicionamento de Olavo de Carvalho em relação à pandemia evidenciava seu caráter político negacionista, alinhado ao então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Na época – e até hoje –, o seu falecimento é lembrado na unidade fraseológica *ir de olavo de carvalho*<sup>14</sup>.

Figura 5. Exemplo de *ir de olavo de carvalho 1*.



6:20h da manhã e o Instagram foi de Olavo de Carvalho

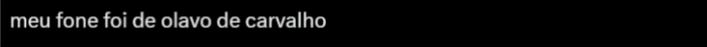
Fonte: X (coleta: julho de 2024).

---

<sup>13</sup> Os *Trending Topics* (TT) são um compilado dos assuntos mais comentados na rede social em um dado momento.

<sup>14</sup> Embora não seja objeto de estudo deste trabalho, é importante evidenciar que um verbo se originou desta unidade: *olavar*, que é o mesmo que morrer.

Figura 6. Exemplo de *ir de olavo de carvalho 2*.

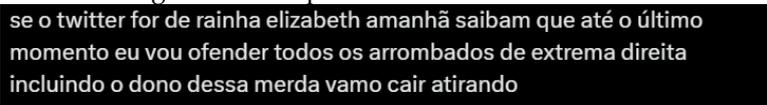


meu fone foi de olavo de carvalho

Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Ainda em relação ao falecimento de pessoas conhecidas, o da rainha Elizabeth II, do Reino Unido, em outubro de 2022 (Poder360, 2022) mobilizou a internet e os meios de comunicação tradicionais (televisão, rádio, jornais impressos etc.). De um lado, uns prestavam condolências à falecida e, no caminho inverso, outros criticavam a existência de uma monarquia no século XXI, que usufrui de um conforto resultado de séculos de exploração colonial. Esses últimos, os críticos, não se demoraram em surgir com o uso de *ir de rainha elizabeth*<sup>15</sup> como forma de minimizar a comoção e o sensacionalismo.

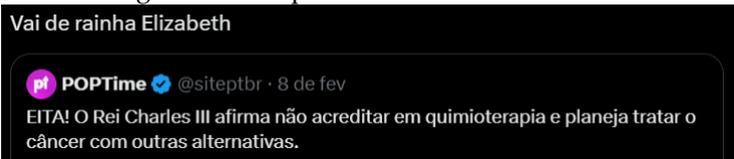
Figura 7. Exemplo de *ir de rainha elizabeth 1*.



se o twitter for de rainha elizabeth amanhã saibam que até o último momento eu vou ofender todos os arrombados de extrema direita incluindo o dono dessa merda vamo cair atirando

Fonte: X (coleta: agosto de 2024).

Figura 8. Exemplo de *ir de rainha elizabeth 2*.



Vai de rainha Elizabeth

 **POPTIME**  @siteptbr · 8 de fev

EITA! O Rei Charles III afirma não acreditar em quimioterapia e planeja tratar o câncer com outras alternativas.

Fonte: X (coleta: agosto de 2024).

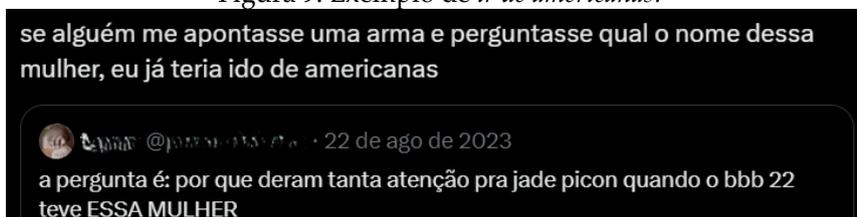
Outro evento viralizado nas redes sociais que resultou em mais uma variação da unidade fraseológica da qual tratamos aqui ocorreu no início de 2023: a empresa Americanas declarou um rombo de mais de 43 bilhões de reais e entrou com um pedido de recuperação judicial, a partir do que a própria chamou de “inconsistências contábeis” (Nakagawa, 2023). Referindo-se ao pedido de recuperação judicial feito

---

<sup>15</sup> Assim como *ir de olavo de carvalho* deu origem a *olavar*, *ir de rainha elizabeth* originou *elizabethar*.

pela Americanas, a unidade *ir de americanas* rapidamente se difundiu não só pela rede social X/Twitter, mas também por outros ambientes da internet.

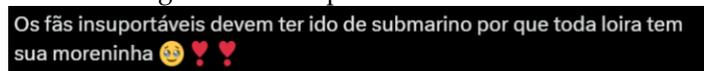
Figura 9. Exemplo de *ir de americanas*.



Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Mais recentemente, em junho de 2023, um submarino que levava cinco pessoas – quatro empresários bilionários e um mergulhador – implodiu no trajeto de uma excursão até os restos do naufrágio do Titanic (CNN, 2023). Assim como nos casos anteriores, a unidade *ir de submarino* se popularizou referenciando um acontecimento extralinguístico.

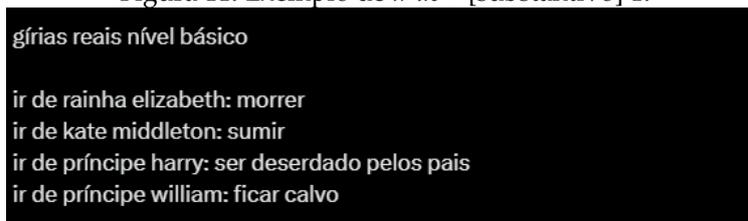
Figura 10. Exemplo de *ir de submarino*.



Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Para além dos significados que o verbo *morrer* possui, *ir de* + [substantivo] também passou a ser utilizado, por generalização, para exprimir o sentido de encontrar-se na mesma situação que algo ou alguém. Vejamos alguns exemplos nas Figuras 11 e 12:

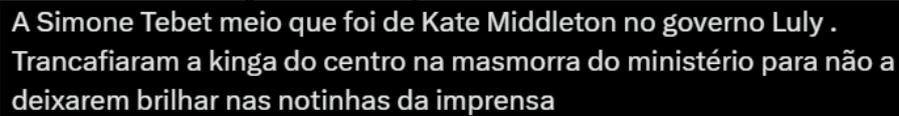
Figura 11. Exemplo de *ir de* + [substantivo] 1.



Fonte: X (coleta: julho de 2024).

Em 2024, a princesa integrante da família real britânica, Kate Middleton, ficou fora dos holofotes da imprensa e do público por meses, o que gerou diversas especulações a respeito do paradeiro da figura real. As atitudes da assessoria da família contribuíram para que mais rumores se espalhassem por todo o mundo, ao postar uma foto falsa, de Kate com os dois filhos no dia das mães (Agência O Globo, 2024). Com isso, *ir de kate middleton* surgiu com o significado de *desaparecer*.

Figura 12. Exemplo de *ir de kate middleton*.



A Simone Tebet meio que foi de Kate Middleton no governo Luly .  
Trancafiaram a kinga do centro na masmorra do ministério para não a  
deixarem brilhar nas notinhas da imprensa

Fonte: X (coleta: agosto de 2024).

A partir da análise dos *posts*, contatamos:

(i) a unidade fraseológica resultante da estrutura *ir de* + [substantivo] nos ambientes informais (e massivamente *online*) tem graus muito altos de idiomaticidade e motivação, uma vez que é necessária a consciência explícita da situação da realidade extralinguística referenciada, tanto pelo enunciador quanto pelo enunciatário;

(ii) *ir de* + [substantivo] é uma construção sintática com estado bastante fixo, uma vez que não permite inserção de outros componentes nem alteração da ordem dos elementos, embora paradigmaticamente seja possível alterar o substantivo, que é o elemento (mais) idiomático da unidade complexa;

(iii) em relação à ideologia, o juízo de valor enviesado em relação a dar maior ou menor intensidade negativa ou de humor a um acontecimento da sociedade está intrinsecamente ligado à visão de mundo, posicionamento político, ideologia de um indivíduo ou um grupo social e político;

(iv) as variações formais que surgem ao longo do tempo são muito particulares do português brasileiro, uma vez que não seria possível traduzi-las sem significativas perdas semânticas, ainda que os referentes sejam

acontecimentos, eventos e situações que ocorreram e possivelmente afetaram países e comunidades linguísticas muito diversas no mundo; e

(v) a unidade fraseológica descrita tende a continuar se adaptando formal e semanticamente, a depender dos eventos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos e políticos que vierem a ocorrer.

Finalmente, feitas as devidas inferências acerca da unidade fraseológica *ir de base*, propomos um modelo de verbete com os seus significados:

**ir de base** *loc. v.* 1. *eufemismo* Morrer, falecer <Hoje fui atravessar fora da faixa e um carro quase me fez **ir de base**><sup>16</sup>; 2. *por extensão* Parar de funcionar total ou parcialmente de maneira permanente <Meu celular está **indo de base** porque está velho>; 3. *por extensão* Perder a capacidade de funcionamento temporariamente <A bateria do meu notebook **foi de base**, por isso não consegui enviar o email>; 4. *por extensão* Sair ou abandonar algum lugar ou situação <Julia avisou que **irá de base** depois do show>; 5. *por extensão* Ser demitido <Cometi um erro no trabalho e quase **fui de base**>; 6. *por extensão* Voltar para a casa <Gabriel **vai de base** mais cedo da festa>. **SIN/VAR** ir de submarino, ir de americanas, ir de arrasta pra cima, ir de rainha elizabeth, ir de olavo de carvalho, ir de comes e bebes, ir de ralo, ir de Vasco etc.

- **ir de kate middleton: loc. v.** 1. *por extensão* Sumir, desaparecer <A Simone Tebet meio que **foi de Kate Middleton** [desapareceu, sumiu] no governo Lula>.

## 5 Considerações finais

Considerando os exemplos apresentados na seção anterior, podemos afirmar que a expressão *ir de base*, bem como suas variantes, apresenta oscilação formal e diversidade semântica, mas sem perder a sua característica de fixa, isto é, sem que haja

---

<sup>16</sup> Os exemplos de uso que utilizamos no verbete foram coletados da rede social X, e são do período entre 2020 e 2024.

um detrimento semântico total da expressão, ou uma transformação do seu significado. Mattos (2003) já constatava essa possibilidade de uma UF manter o seu caráter de fixa, ainda com alterações semânticas e/ou formais.

Embora a UF não esteja institucionalizada, há um grau de convencionalidade no uso. Isso porque há uma certa convergência semântica nas variações, ainda que os referentes extralinguísticos não tenham relação entre si. A repetição da unidade fraseológica como se deu ao longo dos últimos anos, em especial 2022 e 2023, foi determinante na consolidação do uso e sua estabilidade sintático-semântica.

Em relação aos significados identificados a partir dos contextos de usos, constatamos que há uma função conotativa/figurada na UF, uma vez que não é possível deduzir o significado pelo seu sentido literal ou pela soma dos elementos que a compõem, o que reitera o seu caráter e alto grau de idiomaticidade e de motivação.

## Referências

AGÊNCIA O GLOBO. Kate Middleton: o que se sabe até o momento sobre o paradeiro da princesa. **Exame**. [s. l.], online, 21 de março de 2024. Disponível em: <https://exame.com/mundo/kate-middleton-o-que-se-sabe-ate-o-momento-sobre-o-paradeiro-da-princesa/>. Acesso em: 02 jul. 2024.

ALEXANDROVA, O. V.; TER-MINASOVA, S. **English Syntax: Collocation, Colligation and Discourse**. Moscú: Universidad de Moscú, 1987.

BALLY, C. **Traité de stylistique française**. Paris: Klincksieck, 1951. p. 66-69. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k166222b/f88.item.zoom>. Acesso em 28 dez. 2023.

BBC NEWS. Morre Olavo de Carvalho: guru do bolsonarismo disse que covid era 'historinha de terror'. **BBC News**, [s. l.], online, 25 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60124170>. Acesso em: 01 jul. 2024.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

CASTILLO CARBALLO, M. A. El concepto de unidad fraseológica. **Revista de Lexicografía**, [s. l.], v. 4, p. 67–79, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17979/rlex.1998.4.0.5652>. Acesso em: 29 jun. 2024.

CNN. OceanGate suspende operações de exploração após a implosão do submarino Titan. **CNN Brasil**. [s. l.], online, 06 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/oceangate-suspende-operacoes-de-exploracao-apos-a-implosao-do-submarino-titan/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.

CUENCA, M. J. HILFERTY, J. Metáfora y Metonímia. In: CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 2007. p. 97-124.

FRANCO, M. 'Foi de base', 'foi de arrasta pra cima', 'foi de submarino': saiba de onde surgiram expressões das redes. **Folha de São Paulo**, [s. l.], online, 11 de julho de 2023. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2023/07/foi-de-base-foi-de-arrasta-pra-cima-foi-de-submarino-saiba-de-onde-surgiram-expressoes-das-redes.shtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compwa](https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2023/07/foi-de-base-foi-de-arrasta-pra-cima-foi-de-submarino-saiba-de-onde-surgiram-expressoes-das-redes.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa). Acesso em: 01 jul. 2024.

MATTOS, M. Fraseologia: conceitos e características para a identificação das locuções verbais. **Língua e Literatura**, n. 27. 2003. p. 271-300. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.2003.105469>. Acesso em: 28 dez 2023.

NAKAGAWA, F. Veja tudo o que aconteceu no rombo da Americanas e saiba o que ainda está por vir. **CNN Brasil**. [s. l.], online, 21 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/veja-tudo-o-que-aconteceu-no-rombo-da-americanas-e-saiba-o-que-ainda-esta-por-vir/>. Acesso em: 01 jul. 2023

OKAZAKI, M. E. R. **Estudo sobre neologismos no português do Brasil no contexto de League of Legends**. Orientador: Odair Luiz Nadin da Silva. 2023. 102 p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr - Campus da UNESP), Araraquara, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/244477>. Acesso em: 29 dez. 2023.

OLIVEIRA, L. A. Facetas ideológicas das escolhas lexicais: a não neutralidade da língua em uso. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. v. 10, n. 16, 2016, p. 67-85. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13704>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PEREIRA, G. O que é 'foi de arrasta pra cima'? Entenda o significado do meme. **TechTudo**. [s. l.], online. 10 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2023/01/o-que-e-foi-de-arrasta-pra-cima-entenda-significado-do-meme.ghml>. Acesso em: 01 jul. 2024.

PODER360. Rainha Elizabeth 2<sup>a</sup>, a mais longeva do Reino Unido, morre aos 96. **Poder360**. [s. l.], online, 8 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/rainha-elizabeth-a-mais-longeva-do-reino-unido-morre-aos-96/>. Acesso em: 01 jul. 2024.

PREZOTTO JÚNIOR, J. R. Fixação, idiomaticidade e composicionalidade: a unidade fraseológica “deixar a poeira baixar” no português. **Estudos Linguísticos (São Paulo)**, [s. l.], v. 50, n. 2, p. 809–828, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v50i2.2959>. Acesso em: 28 jun. 2024.

RUIZ GURILLO, L. **Aspectos de fraseología teórica española**. Cuadernos de Filología, Anejo XXIV. Valencia: Publicaciones de la Universidad de Valencia, 1997. 140 p.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SIMÕES NETO, N. A.; SOUZA, D. S. de. A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão <[IR DE N]> no português brasileiro contemporâneo. **Revista SOLETRAS**, Rio de Janeiro, n. 45. p. 39-67, 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.73487>. Acesso em: 29 jun. 2024.

TAGNIN, S. E. O. **O Jeito que a Gente Diz**. São Paulo: Disal Editora, 2005.

VAN DIJK, T. A. Ideología y análisis del discurso. **Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social**. ano 10, n. 29, Maracaibo, Venezuela, abril-junho 2005, p. 9-36. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/279/27910292.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2024.

ZULUAGA, A. **La fijación fraseológica**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1975. p. 225-248.

Artigo recebido em: 26.09.2024

Artigo aprovado em: 21.01.2025